

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2012

## OS ONOCENTAUROS E AS SEREIAS – TESTEMUNHO DE *O FISIÓLOGO*

### **I Texto e tradução**

#### 13. Περὶ ὄνοκενταύρων καὶ σειρήνων

Ἐλάλησεν Ἡσαΐας ὁ προφήτης ὅτι “δαιμόνια καὶ σειρήνες καὶ ὄνοκένταυροι ὀρχηθήσονται ἐν Βαβυλῶνι”.

Ὁ Φυσιολόγος ἔλεξεν περὶ τῶν σειρήνων καὶ τῶν ὄνοκενταύρων ὅτι αἱ μὲν σειρήνες ζῶν θανάσιμά εἰσι ἐν τῇ θαλάσῃ, Μοῦσαι ταῖς φωναῖς. Τὸ μὲν ἥμισυ μέρος αὐτῶν ἀνθρώπου ἔχουσι μορφήν, τὸ δὲ ἄλλο ἥμισυ μέρος χηνός. Ὁμοίως καὶ ὄνοκένταυροι τὸ μὲν ἥμισυ μέρος ἀνθρώπου ἔχουσιν, τὸ δὲ ἥμισυ ἀπὸ στήθους ἕως ἔξω ὄνου.

“Οὕτω καὶ πᾶς ἀνὴρ δίψυχος ἀκατάστατος ἐν πάσαις ὁδοῖς αὐτοῦ. Εἰσὶ τινες συνερχόμενοι ἐν τῇ Ἐκκλησίᾳ ὡς ἀνθρωποὶ εἰσιν, ὅταν δὲ ἀπολυθῶσιν, ἀποκτηνοῦνται. Οὗτοι σειρήνων καὶ ὄνοκενταύρων προσώπον λαμβάνουσιν, τῶν ἀντικειμένων δυνάμεων καὶ ἐμπαικτῶν αἰρετικῶν. Διὰ γὰρ τῆς χρηστολογίας αὐτῶν καὶ εὐλογίας ὡς σειρήνες, ἔξαπατῶσιν τὰς καρδίας τῶν ἀκάκων. “φθείρουσι γὰρ ἦθη χρηστὰ ὁμιλίας κακαί.”

Καλῶς οὖν ὁ Φυσιολόγος ἔλεξε περὶ τῶν σειρήνων καὶ ὄνοκενταύρων.<sup>1</sup>

*O Profeta Isaías declarou que “os demónios, as sereias e os onocentauros dançarão em Babilónia”.*

*O Fisiólogo disse, quanto às sereias e aos onocentauros, que elas são animais marinhos que trazem a morte, e com voz de musas; Divididas ao meio, metade tem forma de homem e outra metade tem forma de pato. De modo semelhante, os onocentauros têm metade de homem e a outra parte de burro, a partir do peito e até ao fundo.*

*Assim é “todo o homem de alma dividida, inquieto em todo o seu caminho”<sup>2</sup>. Há-os que vão à igreja “com aparência de piedade, mas rejeitando a força dela”<sup>3</sup>.*

---

<sup>1</sup> O texto grego foi retirado de A. Zuccker, (2005) *Physiologos, Le bestiaire des bestiaires*, Grenoble, p. 116.

*Na Igreja, são como homens, mas se a deixarem, transformar-se-ão; Estes tomam a máscara das sereias e dos onocentauros, ou seja, forças contrárias e heréticos impostores.*

*Pelos seus louvores e belos discursos, são como as sereias, e enganam os corações dos desprevenidos. “pois as más companhias corrompem os bons costumes”<sup>4</sup>.*

*O Fisiólogo falou certo acerca das sereias e dos onocentauros.”*

## II Comentário

*O Fisiólogo* beneficiou de uma enorme popularidade e divulgação, na Idade Média, pelo menos até ao séc. XIII, que só se pode comparar à da própria Bíblia, como o provam os numerosos manuscritos, traduções, em latim e em línguas vernáculas, e adaptações iconográficas antigas e medievais.

Constituindo uma coleção zoológica literária para uso da cristandade antiga e medieval, grande parte do seu sucesso depende seguramente da sua forma: vários animais, reais e alguns fantásticos, algumas rochas e árvores (contudo tratadas como seres animados) são assunto de breves fichas, em textos cuja mancha gráfica facilmente se acomoda numa página, considerados segundo um esquema compositivo permanente e repetitivo. Breves e aparentemente simples, estas fichas de estrutura bastante formular não se dirigiam a especialistas ou eruditos de zoologia nem a teólogos. Contudo, ofereceriam ao destinatário um conhecimento diverso quanto à variedade natural de um mundo que lhe estava circunstancialmente condicionado, fornecendo momentos de recreio imaginativo, posto que muitas das espécies aí descritas lhe eram estranhas ou exóticas.

Estamos convencidos de que o sucesso destas obras de contornos simples mas de grande apelo visual resulta das mesmas circunstâncias que, nos dias de hoje, votam ao sucesso produtos culturais mais ligeiros, mas de forma apelativa e acessíveis a todos, por colherem em sùmula aquilo a que se poderia chamar “sabedoria do mundo” (os aeroportos e as estações de correios estão cheios deste tipo de ofertas!). Assim, a escrita de *O Fisiólogo* conforma-se a uma folha, ainda com espaço para uma ilustração. O sucesso dos bestiários, e em particular *O Fisiólogo*, é também favorecido pela

---

<sup>2</sup> Tgo 1, 8.

<sup>3</sup> 2Tim 3,5.

<sup>4</sup> Rom 16, 18; 1Cor 15, 33.

evolução do *uolumen*, ou do rolo, para o *codex*, ou seja, para “o livro” tal como o temos, com uma sucessão de faces e versos orientada horizontalmente, disponível na mesa do leitor, trazendo com eles uma maior facilidade de leitura e de controlo de quem lê no acesso à leitura (desenvolve-se, a par, a leitura silenciosa).

A popularidade e as muitas adaptações de *O Fisiólogo* emergem como um sinal dos tempos medievais, bem como da mentalidade que o dominava. Assim, *O Fisiólogo* era uma janela aberta sobre um mundo inacessível e já desaparecido, viagem a um tempo distante em que o homem integrava um mundo mais vasto e variado, e em que os próprios produtos do conhecimento, a saber, a cultura científica, refletia essa proximidade e contacto físico com um mundo mais cosmopolita. A curiosidade pelo mundo não cessou com as constrictões do fim do mundo antigo, pelo que os bestiários, de que o Fisiólogo é o primeiro representante do género, respondem a essa apetência, diríamos universal, pela descoberta do que é novo e diferente, e do que está para além da vizinhança e do familiar.

*O Fisiólogo* constitui também o primeiro bestiário cristão. O interesse em permitir o acesso à diversidade do mundo animal está ao serviço de uma mensagem religiosa, primeiramente interpretativa, e numa segunda etapa moralizante. Assim, sob esta aparência formalmente singela, esconde-se um propósito espiritual, como se torna evidente a partir do brevíssimo prólogo que enceta o texto, e que traduzimos:

*“Acerca da natureza e do carácter dos animais, e de como estas, de sensíveis, se transformam em espirituais, e de como, a partir da natureza dos animais, o Fisiólogo esclarece e permite compreender a economia da Encarnação do Senhor, Deus e Salvador nosso Jesus Cristo”*<sup>5</sup>

Do ponto de vista compositivo, a sua estrutura permite entrever uma estratégia evolutiva, fundindo características de géneros literários e discursos tradicionais desenvolvidos no mundo antigo, em particular no afã enciclopédico característico da ciência alexandrina pagã, judaica e cristã que animou a megalópole de Alexandria entre o séc. III a.C. e o séc. III d.C.: a

<sup>5</sup> Περὶ τὰς φύσεις καὶ θέσεις τῶν ζώων καὶ πῶς ἀπὸ τῶν αἰσθητῶν εἰς πνευματικὰ μεταβάλλονται καὶ πῶς ἀπὸ τῆς τῶν ζώων φύσεως τὴν ἕνσαρκον οἰκονομίαν τοῦ κυρίου καὶ θεοῦ καὶ σωτῆρος ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ παρεμφαίνει καὶ ἀποσημαίνει ὁ φυσιολόγος.

descrição zoológica, a fábula, a paráfrase bíblica, a alegoria interpretativa e a parábola evangélica. Este livro cruza, assim cinco tradições culturais, convergentes em Alexandria: a zoologia grega, o esoterismo egípcio, a mística judaica, a exegese alexandrina e a teologia cristã da salvação, centrada na interpretação da pessoa de Cristo<sup>6</sup>.

A sua origem permanece um mistério, sendo seguro que resultou de uma composição por fases, talvez em distintos lugares. Mas o seu ponto de partida está provavelmente no séc. II d.C, no Egipto, então o centro do cristianismo erudito. A escola exegética alexandrina, desenvolvida por Clemente de Alexandria e por Orígenes, amadureceu esta forma de interpretação alegórica do texto bíblico, em continuidade com a pedagogia e os métodos de Filon de Alexandria, sancionando a hermenêutica literária da erudição pagã e a interpretação alegórica judaica para o serviço da catequese e explicitação dos textos sagrados à luz do cristianismo. Prodigioso momento de encontro de culturas, de extraordinário poder criativo e livre para as maiores aventuras intelectuais!

Não nos alongaremos nas razões que radicam este texto no séc. II da Alexandria cristã. Cumpre dizer, contudo, que a autoridade emissora da informação no texto, o nunca identificado por mais do que “O Fisiólogo”, ὁ Φυσιολόγος, aqui figura com o límpido sentido com que é empregado por Aristóteles na sua obra *A Geração dos Animais*, ou seja “*O Naturalista*”. Acresce ainda o facto de o texto não comportar nenhum sinal das heterodoxias que se desenvolveram no cristianismo posterior, em particular no Oriente; o facto de o intertexto bíblico estar muito dependente da versão dos *Septuaginta*; os especialistas defendem que a obra já era conhecida por Justino Mártir (martirizado em 165 a.C) e Orígenes (séc.III). Finalmente, o *Hexameron*, o *Comentário aos seis dias da Criação* de Ambrósio de Milão, bem como alguns tratados de Rufino de Aquileia (séc. IV) dão já conta de haver conhecimento do texto em versão latina<sup>7</sup>.

Interessa ainda apontar que a obra se manteve em composição em Grego, havendo quatro coleções distintas, de características próprias. A primeira coleção, a mais extensa e mais rica, reúne cinquenta e oito entradas de espécies animais, na sua quase totalidade. A segunda, chamada de “coleção bizantina”, reúne nove animais e a terceira, chamada de “Pseudo-basiliiana”, seis. Estas duas apresentam datações contestadas, mas que vão do

---

<sup>6</sup> Op. cit., p. 25.

<sup>7</sup> Op. cit., p. 13.

séc. V ao séc. IX, para a segunda, e com maior grau de certeza para a terceira, o séc. X. A quarta coleção é, formalmente e no conteúdo, bastante diferente das três primeiras: em versos não rimados, em Grego do séc. XIII, está presente em apenas dois manuscritos (tendo, portanto, escassa divulgação). Concentra-se na interpretação teológica, em sacrifício da descrição etológica: “O camelo rancoroso” (n. 13); “o cão humilde” (n. 14); “o urso bípede diabólico” (15). Temos, depois a assinalar, nesta coleção reminiscências, um já dramático distanciamento em relação ao passado helénico. Vejam-se os significativos apontamentos, em que se retratam dois animais fantásticos: o Sátiro (n. 26), macaco de tronco humano, com cornos, asas de águia e pés de cabra; e Medeia, animal feroz originário da Cítia, e que mata os seus próprios filhos.

O princípio, contudo, mantém-se: assumida uma linguagem formular característica de cada coleção, esta mantém-se estável ao longo da série de animais. As versões conhecidas noutras línguas contemporâneas do Grego, a saber, o Latim, o Copta, o Siríaco, o Árabe e o Arménio, foram já realizadas depois de estabilizada a evolução.

O Grego koiné de *O Fisiólogo* apresenta características muito simples: vocabulário limitado, parataxe, presença de algumas formas características de um Grego tardio. Importa, contudo, observar que este nível de linguagem pode resultar não tanto de uma limitação do autor, mas de uma escolha face aos propósitos e o destinatário da obra: o texto visa informar, esclarecer, iluminar, em suma, colaborar na educação dos cristãos, partindo das realidades conhecidas, estudadas e identificadas pelo saber profano de mestres como Aristóteles, mas também por Heródoto, Ctésias, Eliano e Opiano. É um texto de súpula, de chegada de uma tradição científica e de uma exegese espiritual depurada, destinada à catequese e ao estabelecimento de preceitos. É um texto para mostrar, e não para questionar, finalidade que condiciona a forma simples e formular.

Do ponto de vista da estrutura dos capítulos, temos um esquema fixo:

Uma introdução, que pode ser dada por uma citação bíblica, alusiva ao animal retratado, ou simplesmente a declaração da existência de determinada espécie numa só frase. Segue o testemunho da autoridade identificada como “O Fisiólogo”, ( Ὁ Φυσιολόγος ἔλεξε ) que caracteriza a espécie, segundo o seu aspeto, seu modo de vida, e o seu comportamento. Não há preocupação em ser exaustivo, mas tão-só em apresentar o que, das características dos animais, pode servir para exprimir uma mensagem adaptada à doutrina cristã, introduzida pelo advérbio Οὕτω: transferindo as qualidades dos animais para

o homem, ou interpretando um determinado passo dos Evangelhos à luz do animal, erigido enquanto significado de um mundo a decifrar segundo o código cristão. Termina com uma exortação moral, aplicada a um aspeto concreto da vida humana, assumida numa primeira pessoa do plural de identificação.

Temos, portanto, um esquema retórico linear, mas eficaz: a fórmula inicial, hermética, fundamentada na autoridade do sagrado; a descrição, informação objetiva a cargo de um sábio, o Fisiólogo; a exegese, ou a interpretação das duas primeiras etapas à luz da espiritualidade cristã; por fim, a exortação (o *mouere* da retórica clássica). Deste jogo resulta um esquema lógico harmónico e convincente para os sujeitos em formação: os animais, e o mundo natural, integram uma ordem acessível ao conhecimento dos homens, e a sua diversidade está ao serviço da “economia” da salvação cristã.

O capítulo selecionado apresenta ao leitor as sereias e os onocentauros, espécies fantásticas, contudo consideradas no texto como reais.

As duas apresentam características similares na sua natureza: são seres que partilham duas naturezas distintas, a humana na parte superior (o busto), e, na parte inferior a animal, no caso da sereia, uma ave; no caso do onocentauro, como o nome indica, um burro. A descrição etológica é muito sintética, mas é possível vislumbrar nela os ecos de uma tradição mitológica anterior, plenamente assumida desde a *Odisseia* de Homero: a sereia, animal que traz consigo a morte, vive no mar (ave marinha?), mas tem uma voz de musa (de canto agradável). Do onocentauro, nada se acrescenta para além da sua descrição física, parecendo até que se trata de uma associação por conveniente economia, já que as duas espécies acabam por partilhar da mesma leitura alegórica. Pelas outras versões da Bíblia, contudo, este ser podia ser tomado, da cultura antiga, enquanto símbolo da luxúria.

Como as sereias e os onocentauros, são os homens “de alma dupla” (διψυχος), pouco firmes nos caminhos que percorrem. Eles são símbolos dos cristãos que frequentam a Igreja como homens fiéis mas que, mal saem portas fora, transformam-se. As sereias e os onocentauros, na sua dupla natureza e discursos sedutores, estão familiarizados com a dupla realidade em que vivem, e com discursos sedutores podem atrair os espíritos incautos. Assim são os heréticos e as más companhias na igreja, capazes de tentar os homens.

A citação inicial, atribuída ao profeta Isaías, inserida nos seus vaticínios contra a Babilónia (Is. 13, 21-22) depende diretamente do texto grego dos *Septuaginta*. Assim, no original hebraico, nunca os demónios, as sereias e os

onocentauros dançaram na Babilónia. A tradução promovida por S. Jerónimo, a *Vulgata*, ao apoiar-se no texto massorético para a versão latina do AT, também alterou esta referência, omitindo os demónios (os *dracones?*) e os onocentauros. Assim nós temos, nas Bíblias em línguas modernas outros seres que não as sereias e os onocentauros a dançar nas ruínas da Babilónia, preservando-se, contudo, o sátiro como ser fantástico<sup>8</sup>. Com diferenças na tipologia animal evocada, mais depurada e simbólica *Septuaginta*, mais próxima das espécies típicas do deserto na *Vulgata*, das três versões do Texto Sagrado emerge um quadro de perturbação, com ruído, danças e de luxúria, pelo que a tradição e a tradução, embora se reinvente conforme as civilizações, tende a manter um núcleo comunicativo sólido.

É curioso, contudo, destacar que a circulação deste capítulo de *O Fisiólogo* traduzido para latim, presente em muitos manuscritos europeus, traduz para latim o texto de *O Fisiólogo* sem nunca questionar ou criticar as palavras atribuídas a Isaías, que bem conhecia, pois as invetivas do Profeta contra a Babilónia eram muito populares. Como podemos ver na base da ilustração aqui presente, conseguem ler-se as palavras latinas de Isaías segundo *O Fisiólogo*<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, s.d. “morarão ali as avestruzes, os sátiros ali dançarão, as hienas uivarão nos seus palácios, e os chacais nas suas casas de prazer”. *Bíblia Vulgata*, eds. Colunga-Turrado, BAC: “*sed requiescent ibi bestiae, et replebuntur domus eorum draconibus, et habitabunt ibi struhiones, et pilosi saltabunt ibi; et respondebunt ibi ululae in aedibus eius, et sirenes in delubris uoluptatis*”.

<sup>9</sup> Surgem ainda outras citações do NT, retiradas das Epístolas, que se deixaram assinaladas nas notas à tradução.





Fig. 1: Oxford, Biblioteca Bodleiana *Bestiário* (Bodl-Douce88), c. 1300)

Os Bestiários medievais conservaram a associação entre as sereias e os onocentauros produzida por *O Fisiólogo*. Ou seja, tratando-se de seres fantásticos oriundos do mundo antigo, a sua associação nasceu na tradução grega da Bíblia Judaica, desenvolvida no séc. II a.C.. *O Fisiólogo*, nascido no mesmo espaço geográfico, manteve esta dupla e assim a legou para o mundo europeu ocidental latinófono, secundarizando outras fontes, porventura do ponto de vista da doutrina mais legítimas, mas, sem dúvida, sem o mesmo potencial de nos dar a conhecer, pelas entrelinhas, uma etapa menos conhecida da história da humanidade.

Veja-se o Bestiário de Oxford, em que as “sereias musicais” figuram com “onocentauros devoradores de homens” (fig. 2) e o Bestiário de Terouane, (fig. 3) em que uma sereia e um onocentauro parecem personagens de uma cena de galante enamoramento.

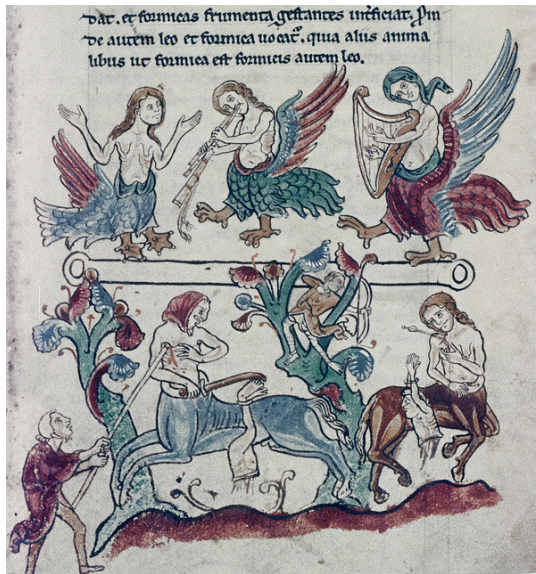


Fig. 2: Oxford, Biblioteca Bodleiana Ms. 602 fl. 10r (séc. XIII)



Fig. 3: Livro de Horas de Therouanne (BNF, lat. 14284), séc. XIII

### III *O Fisiólogo* nas aulas de Grego- aplicação didática

O esquema formal de *O Fisiólogo* – textos breves, de assunto fechado, estruturados segundo um modelo estável – assim como o nível de língua presente – frases simples, vocabulário básico, que se repete de capítulo em capítulo- são características de *O Fisiólogo* que podem converter-se em recurso interessante para utilização nas aulas dos níveis iniciais de Grego. Há, claramente uma vantagem metodológica: cada capítulo pode suscitar assunto para uma aula, permitindo avançar nas competências de aquisição de vocabulário e de tradução com a grata satisfação de se trabalhar continuamente com a mesma obra.

Em primeiro lugar destaque-se o conteúdo apelativo. A um público jovem, pode seduzir a descrição das espécies do mundo natural, ou melhor, o modo como os antigos observavam os animais. É certo que os aspetos teológicos e morais poderão tornar-se pesados, ou mesmo de difícil compreensão, particularmente os que radicam de um modo mais literal nos Evangelhos. Mas em grande parte dos casos, a fisiologia e o comportamento dos seres descritos transferem-se para traços psicológicos do homem, numa linguagem para que o homem contemporâneo está sensibilizado. Em todo o caso, a devida contextualização fará a necessária ponte entre o texto antigo e a cultura atual.

O texto que aqui se traz como exemplo de aplicação didática de *O Fisiólogo* constitui um dos poucos da coleção dedicados a seres fantásticos, as sereias e os onocentauros. Destaquem-se, de modo esquemático, as questões linguísticas que podem ser exploradas a partir do texto:

- a) Morfologia nominal: nomes masculinos da 1ª declinação (ὁ προφήτης); nomes femininos da 2ª declinação (ἡ ὀδός). No texto encontram-se ainda diversos exemplos de vocábulos da 3ª declinação: tema em nasal σειρήν nomes neutros, contractos em –σ- τὸ στήθος; tema em –ι- ἡ δύναμις; ἡ μόρφωσις.
- b) Morfologia verbal: a maior parte dos verbos encontra-se no presente do indicativo. Alguns são usados recorrentemente, como é o caso dos verbos εἰμί e ἔχω, o que constitui um excelente propósito para sistematizar as conjugações dos mesmos. Temos também verbos contractos (ὀρχέω; ἔξαπατάω). Destaquem-se ainda o futuro passivo ὀρχηθήσονται; e os participios de valor adjetivo ἄρνούμενοι; ἀντικειμένων; συνερχόμενοι; e de valor adverbial (ἔχοντες μόρφωσις εὐσεβείας).

- c) Quanto à sintaxe dos casos, destaque-se a ocorrência de um ablativo descritivo (τῶν φωνῶν). Em seguida, pode fazer-se uma exploração praticamente limitada à frase simples. Veja-se, contudo, as orações completivas conjuncionais de ὅτι, com duas manifestações. Encontra-se também uma oração condicional de ὅταν + conjuntivo, a acompanhar o verbo principal no futuro (ἀποκτηνοῦνται). Dada a brevidade da mesma, quem aprende, pode ser levado a intuir o sentido da mesma, desde que ciente dos modos verbais envolvidos, dispensando-se, portanto, uma sistematização das orações condicionais.

**Bibliografia:**

- Arnaud Zuccker, (2005) *Physiologos, Le bestiaire des bestiaires*, Grenoble.
- Ayerra Redín, M. Guglielmi, (1971) *El Fisiólogo. Bestiario Medieval* (trad. em espanhol) Buenos Aires.
- M. J. Curley, (1980) "Physiologus, Physiologia and the Rise of Christian Nature Symbolism", *Viator* 2, Los Angeles, pp. 1-10.
- J. Voisenet, (2000) *Bêtes et hommes dans le monde Médiéval. Le bestiaire des clercs du V au XII siècle*, Brepols.
- Recomenda-se a consulta on-line da exposição virtual da BNF dedicada aos bestiários medievais <http://expositions.bnf.fr/bestiaire/>

PAULA BARATA DIAS